

Na corrida do TEMPO

MARCELO ABREU

DA EQUIPE DO CORREIO

Ele realizou, aos 42 anos, o sonho de toda uma vida. Construiu a casa própria, na Vila Estrutural. E ao longo da vida já fez de tudo um pouco: vendeu jornal, foi operário da construção civil e agora virou taxista. “O bom mesmo é trabalhar por conta própria”, avalia Edson de Souza Brants, separado, dois filhos, 4ª série primária.

E a luta sempre foi árdua. Na casa com 14 irmãos, tudo era contado. Até o pão que chegava à mesa. E cada um teve que batalhar para conquistar sua independência. Ainda jovem, deixou Brasília para tentar a sorte no Amazonas. Lá, virou garimpeiro. E pelejou por dias melhores. Doze anos depois, bateu a saudade da família. Voltou para visitar os que aqui ainda moravam. E decidiu que não mudaria mais da cidade onde nascera.

Encontrou uma Brasília muito diferente da que deixou. “Fiquei assustado quando percebi o tamanho da violência”, recorda. Mas mesmo assim resolveu ficar. Queria ter uma casa, construir família. Virou taxista. Escolheu o ponto da Rodoferroviária — lugar de partida e chegada de uma gente que ainda sonha

com dias melhores na capital da República. Gente que vem tentar. Gente que desistiu de fazê-lo. No novo emprego e no novo endereço de trabalho, Edson fez novos amigos de praça. Taxistas que dividem com ele os mesmos anseios,

Nascido em Sobradinho, o taxista Edson Brants tentou a sorte no garimpo, na obra, no comércio até se fixar na Rodoferroviária. Lembra com carinho a infância no cerrado, mas hoje está preocupado com a violência

as mesmas esperanças.

Edson trabalha mais de 12 horas por dia. Às vezes, chega a dobrar. E só vai em casa para trocar de roupa. Até banho toma na Rodoferroviária. “Não é fácil a vida de taxista. A gente tem que trabalhar muito. Não tem hora para descanso”, comenta. Enquanto desbrava o dia, as boas lembranças de Brasília o acompanham. “Quando era menino e morava em Sobradinho, o legal era vir ao Plano Piloto. Tudo aqui era bonito. A cidade era calma, com muito verde e não tinha violência”, lembra. Hoje, aos 47 anos de sua fundação, a capital mudou. O medo faz parte das conversas diárias. “A coisa tá tão séria que a gente tem receio de pegar passageiro no meio da rua, ainda mais se for à noite”, conta.

Ainda menino, em Sobradinho, o gostoso era buscar caju do cerrado. A molecada fazia do passeio uma aventura. “Sobradinho parecia uma grande chácara”, lembra o taxista, que passa dias e noites dirigindo pelas avenidas de Brasília. E, ao fazer esse percurso diariamente, constata que a capital há muito deixou de ser a cidade pacata onde um dia, menino, se extasiou com tamanha beleza dos palácios e monumentos. “Quando eu e meus colegas vínhamos de ônibus de Sobradinho para o Plano Piloto tinha que ser escondido. O motorista não deixava a gente viajar sem a presença de uma pessoa adulta”, diz.

Brasília cresceu. O menino que pegava caju do cerrado também. Mas a cidade onde ele vendia jornal na infância continua sendo o lugar dos seus sonhos. “Apesar de tudo, ainda é boa para morar e trabalhar”, reconhece. Na casa de dois quartos que construiu na Vila Estrutural está a certeza de que esse é o seu lugar. E Brasília? “Uma cidade bonita, todo mundo acha.”

ONDE NASCEU

Hospital Regional de Sobradinho (HRS)

ORIGEM FAMILIAR

Pai mineiro e mãe cearense

LEMBRANÇA DE INFÂNCIA

“Ainda menino, saía de Planaltina para vender jornal do Plano Piloto. Aproveitava para passear pela cidade e brincar pela ruas. Era muito divertido”

O QUE GOSTA EM BRASÍLIA

Da Esplanada. “Cheia de árvores, grama e tem prédios bonitos”

